

“Fechado na Catacumba” – H.P. Lovecraft**Fonte: Revista Spektró¹*****Notas de transcrição não constam nos originais da revista.**

Antes de ler o conto de Lovecraft, aprecie a bela e interessante introdução do magazine:

Clássicos do Terror – H.P. LOVECRAFT

Embora falecido há mais de quarenta anos, Howard Phillips Lovecraft continua mais vivo do que nunca. Para muitos de nós, o seu lugar na literatura americana, e especialmente na chamada “tradição gótica”, sempre esteve plenamente assegurado e parece mais do que evidente, para uma crescente legião de amantes das belas-letras, que a sua prematura morte, aos quarenta e sete anos de idade, constituiu imensa perda para a cultura humana, e também uma irreparável tragédia pessoal, visto que não tinha ainda atingido pleno desenvolvimento do seu talento.²

Curiosamente, Lovecraft, na vida real, possuía um tipo físico que ia com a maior perfeição a um escritor de fantasmagorias, do sobrenatural em prosa e verso, tal como o público mais imaginativo poderia conceber. Era um recluso e literalmente enfeitiçado pelas sombras da noite. Tinha uma alergia pelo frio e freqüentes vezes se via obrigado a ficar encerrado em casa por meses a fio. Fora dessas ocasiões, gostava de perambular pelas ruas, sem nenhuma espécie de iluminação, da sua cidade natal, Providence, em Rhode Island.

Em criança, Lovecraft fora paralítico e assim permanecera largo tempo, preso na morada de seu avô, de cuja biblioteca devorou avidamente todos os volumes, e a sua memória, extraordinariamente retentiva, repletou-se de uma variedade de informes sobre todos os assuntos imagináveis, inclusive sobre os costumes e maneiras do século dezoito, época em que ele sempre desejou ter vivido, conforme afirmou na sua volumosa correspondência.³

Poucas fotografias existem de Lovecraft. Era alto, magro e, por toda a vida, espectralmente pálido, embora de olhos brilhantes e de vivacidade invulgar. Apresentava um prognatismo do maxilar inferior em franca discordância com o seu caráter meigo e delicado.

A virtuosidade excelsa do seu portento foram as histórias sobrenaturais de que se tornou verdadeiro símbolo e que, por exclusivas, personalíssimas, se deveram a sua única criação genial.

¹ Este conto foi-me enviado pelo prof. Renato Suttana, que por sua vez o recebeu dum amigo. Deixo aqui meus agradecimentos por este material, diga-se de passagem, raríssimo. A revista Spektró foi uma grande publicação brasileira de terror e ficção científica das décadas de setenta e oitenta e que foi descontinuada nos primeiros anos da década de 1980. Foi, certamente o único grande *pulp* brasileiro. (Nota de Transcrição)

² Opinião pessoal da revista não corroborada por outros fãs de Lovecraft que reconhecem a maturidade de seus escritos a partir do ano de 1924, onde começa sua fase literária mais intensa. (Nota de Transcrição)

³ Embora se tenha excelentes biografias em inglês como *HP Lovecraft: A Life (1996)* de S.T. Joshi, em português não existe nenhuma publicação, apenas traduções independentes, de forma que alguns detalhes como a paralisia de Lovecraft é por nós desconhecido, pois algumas evidencias em outras biografias não corroboram tais afirmações. Mas, nada significativo na vida do autor. Fora isto existem alguns mitos sobre sua vida, coisas erradas que se imagina dele (mesmo no seu país de origem), algumas, por exemplo, são: a) Lovecraft era recluso: o era, mas mais por causa da dificuldade econômica, pois se observou que ele viajou bastante quando pôde e gostava muito disto, um exemplo são seus escritos sobre as viagens; b) Lovecraft era homossexual: esta afirmação falsa se originou porque Lovecraft tinha pouco sucesso com as mulheres, mas é falso, pois são muitas as cartas dele que admira mulheres atraentes e além é claro dos comentários de sua esposa; c) Colaborações de August Derleth: Derleth, amigo de Lovecraft que criou a Arkham House sua primeira editora póstuma, dizem que ele mexeu na obra do autor. O mesmo nada mais fez que criar contos segundo um livro de notas deixado pelo autor, mas seus contos permaneceram intactos. d) Lovecraft foi envolvido com seitas de magia negra: isto é falso. e) Lovecraft e sua esposa foram associados a Aleister Crowley; famoso ocultista, outra falsa afirmação de um ‘falso’ necronomicon que corre na web f) Necronomicon é real: talvez a maior ‘hoax’ sobre o autor, sabe-se que tal livro mágico nunca existiu e que Lovecraft, seu criador, apenas se referia a ele sem nunca ter criado uma versão. (Nota de Transcrição)

Mestre do macabro, suas primeiras obras palmilhavam o campo do sobrenatural (*In the Vault*, *The Picture in the House*) mas, logo abordou os temas de terror cósmico e de horror espiritual, como as notáveis narrativas *The Colour out of Space*, *The Dunwich Horror*, *The Whisperer in Darkness* e outras. Não conhecemos, nem concebemos que existia um entrecho, mais essencialmente impregnado de tétrica alucinação do que o de *The Rats in the Walls*. O seu monumental *The Call of Cthulhu* desenvolve-se um motivo mitológico que originou a expressão *mitologia cthulhu*, com que se crismou o gênero então criado. Publicou mais: *Pickman's Model*, *The Music of Erich Zann*, *The Hunter of the Dark*, *Cool Air*, *The Terrible Old Man*, *Beyond the Wall of Sleep*, *Marginalia* e as *Selected Letters*, esta última, grande coletânea de sua correspondência, que Edições Bourgois de Paris acaba de lançar o primeiro volume de 418 páginas (*Letters I*).

Lovecraft foi largamente difundido no Brasil na década de 40 e 50 pela revista *pulp Policial em Revista*, que era editada pela Empresa A Noite. É desse grande mestre do horror sobrenatural que hoje apresentamos o presente *Fechado na Catacumba* (*In the Vault*).

FECHADO NA CATACUMBA

Não sei de crença mais absurda do que essa associação convencional dos fatos simples às coisas serenas e banais de que parece imbuída a psicologia das multidões. Em conseqüência de um bucólico lugarejo *yankee*, um inepto e obtuso agente funerário de aldeia e um descuido desastroso no interior de um jazigo tumular, nenhum leitor de mediano entendimento podia esperar outro desfecho que não alegre, embora grotesco ato de comédia. Mas só Deus sabe como a tremenda história de George Birch, cuja morte agora me permite contá-la, apresenta aspectos frente aos quais as nossas mais sombrias tragédias são perfeitamente simples, leves, pueris.

Birch, que abandonou a profissão, trocando-a por outra, em 1881, jamais tocava nesse assunto, fugindo do caso o mais que podia. Também o velho médico, Dr. Davis, que morreu há alguns anos, não emitira a menor palavra a respeito. Geralmente se atribuía tal atitude à aflição e ao abalo resultante de um fatídico descuido pelo qual Birch se fechara, durante nove horas, na catacumba do cemitério de Peck Valley e de onde só conseguiu escapar, empregando meios rudes e contundentes. Embora tudo isso fosse incontestável, havia outras coisas mais negras que o pobre homem me confiou, sussurrando, no seu delírio de ébrio já às portas da morte. Ele confiou em mim porque eu era o seu médico e também, provavelmente, por sentir a necessidade de desabafar-se com alguém depois do falecimento do Dr. Davis. Birch jamais se casara, nem contava parente algum neste mundo.

Até 1881, fora empreiteiro dos enterros, em Peck Valley e sempre se mostrara o tipo do individuo rude e primitivo de modos e idéias. As práticas que ouvi se lhe atribuírem, hoje ninguém as acreditaria possíveis, pelo menos, em uma cidade, e mesmo Peck Valley teria estremecido de espanto se soubesse ao certo dos inescrupulosos processos do seu coveiro exclusivo, tais como, por exemplo, a subtração dos custosos tecidos amortalhantes, favorecida pela tampa fechada do caixão e a falta de respeito sacrílega na colocação e arranjo dos restos mortais no ataúdes que fornecia, nem sempre fabricados no comprimento adequado. Mas, acima de tudo, o coveiro era moroso, relaxado e mau profissional. Apesar disso, não penso que fosse, no fundo, mau sujeito. Julgo-o simplesmente duro de inteligência e ação, bronco, desmazelado e beberrão, como a presente história o demonstrará à sociedade, e além disso, sem o mínimo grau de imaginação comum à maioria dos seres humanos, dentro do limite fixado pelo bom senso.

Difícilmente sei por onde começar o caso de Birch, uma vez que não possuo prática qualquer de narrador. Mas como tenho forçosamente de fazê-lo, principiarei por aquele frio dezembro de 1880, quando os campos gelaram de tal forma que impediram de cavar-se sepulturas até o advento da primavera e conseqüentemente reamolecimento do solo. Felizmente, a aldeia

possuía pequenas proporções, o que tornava muito baixo o seu coeficiente de mortalidade. Assim, foi possível dar-se todas as cargas fúnebres do enterrador local um abrigo provisório na única catacumba do cemitério. Com a inclemência do tempo, Birch ficou dobradamente lerdo e parecia superar-se, a si mesmo, de relaxamento nos diversos misteres da sua profissão. Jamais construía ele ataúdes tão grosseiros e mal ajustados, nem mais flagrantemente descuidava antes os cuidados indispensáveis com a enferrujada fechadura da cripta, cuja porta ele costumava abrir com um safanão e fechava com desleixados pontapés.

Afinal veio o degelo e as sepulturas puderam ser cavadas laboriosamente para os silenciosos frutos humanos, safra da impiedosa segadora eterna e que pacientemente esperavam o repouso final da última morada. Birch, embora maldizendo o afã, começou a remoção dos cadáveres, numa desagradável manhã de abril, interrompendo-a, porém, antes do meio-dia, devido à pesada chuva que cegava o cavalo da carreta, e depois de só ter baixado um único defunto ao seio da terra. Este era Darius Peck, nonagenário, cuja cova ficava perto da catacumba. O coveiro resolveu começar, no dia seguinte, com Matthew Fenner, velhinho miúdo que tinha o seu túmulo também não muito distante. Acabou, porém, adiando o serviço para três dias depois, só voltando a trabalhar na Sexta-feira Santa, dia quinze. Não sendo supersticioso, nenhuma importância deu à data, se bem que, depois da história, sempre se recusou a fazer qualquer serviço de importância neste fatídico dia. Certamente, os acontecimentos daquela noite mudaram por completo, o feitio de George Birch.

Então, na tarde de Sexta-Feira Santa, quinze de abril, o nosso homem se dirigiu à catacumba, com o cavalo a puxar a carroça, a fim de apanhar o caixão de Matthew Fenner. A verdade é que Birch já gostava da bebida, conforme ele próprio o confessou mais tarde, muito embora, naquele tempo, ainda contraísse o vício desbragado pelo qual procurou esquecer, na embriaguez, certos fatos penosos. O agente funerário sentia-se, então, bastante entontecido e abstrato que esquecia o necessário incitamento ao seu cavalo que, vendo-se assim dignificadamente conduzido, relinchava, batia com as patas no solo e remexia continuamente a cabeça, molestado pela chuva. Entretanto, o dia mostrava-se claro e a aventura soprava, o que pôs o coveiro contente, com a idéia de abrigar-se, ao abrir a porta de ferro e penetrar na cripta cavada no flanco da colina. Um outro não teria gostado daquele recinto úmido e malcheiroso, com oito esquifes dispostos cuidadosamente ao centro, mas Birch tinha a alma já calejada pelo ofício e só se preocupava em não errar a sepultura de cada um. Jamais esquecera os protestos levantados, quando os parentes de Hanna Bixby, desejando transportar-lhe os restos para o cemitério da cidade para onde se haviam mudado, encontraram, sob a lápide de Hanna, a urna do Juiz Capwell.

O interior da catacumba mergulhava-se em densa penumbra. Birch, no entanto, possuía excelente vista e não confundiu o caixão de Fenner com o de Asaph Sawyer, embora fosse este muito semelhante àquele. Com efeito, o ataúde de Sawyer destinava-se primitivamente a Matthew Fenner, mas, à última hora, Birch pusera-o de lado, achando-o demasiado frágil e tosco pois, num impulso de sentimentalismo agradecido, lembrou-se de quando o velhinho Fenner o ajudara em uma falência, cinco anos antes. Assim, deu ao seu bom protetor tudo o que de melhor a sua arte poderia produzir. Mas, sendo demasiado sovina para desperdiçar o material defeituoso, aproveitou o refugio, quando Asaph Sawyer morreu de febre maligna. Este não gozava de bom conceito, como cidadão, e muitas histórias corriam da sua quase desumana sede de vingança e da sua memória tenaz que o impedia de esquecer ressentimentos reais ou imaginários contra os desafetos. Assim, o empreiteiro fúnebre nenhum constrangimento sentiu em reservar-lhe o ataúde mal feito que, naquele momento, afastava para lado com um repelão, procurando o de Fenner.

Foi justamente então, quando punha as mãos no caixão do bom velhinho, que o vento bateu a porta, mergulhando tudo em negra escuridão. O estreito postigo só deixava uma fraquíssima claridade e nenhuma virtualmente se coava pela chaminé de ventilação do teto. O coveiro ficara, pois, reduzido a um tatear inconsciente, caminhando hesitante, entre os esquifes, na direção da

porta. Neste débil lusco-fusco, fez tanger a enferrujada aldrava, sacudiu inutilmente as almofadas de ferro, espantando-se com a súbita resistência da maciça porta. Compreendeu logo a realidade da situação e pôs-se a gritar desesperadamente como se o cavalo, lá fora, pudesse fazer mais do que responder-lhe com relinchos agudos e desolantes. A lingüeta da fechadura, longamente desleixada, quebrara-se finalmente, fechando, na catacumba, a culpada vítima da própria negligência, como em ratoeira.

A coisa devia ter acontecido cerca das três horas e meia da tarde. Birch, dotado de temperamento fleumático e prático, não gritou por muito tempo, pondo-se logo a procurar, às apalpadelas, algumas ferramentas que lembrava haver visto amontoadas em um canto. Não há, contudo, certeza se ele avaliou de pronto todo o horror e a impressionante fatalidade da sua crítica situação, mas o simples fato de se ver encerrado em local fora do caminho de qualquer ser humano seria bastante para fazer perder a cabeça ao mais valente indivíduo. A tarefa do dia fora assim desgraçadamente interrompida e a não ser que a sorte trouxesse até ali algum excursionista errante, Birch teria de ficar enclausurado durante toda a noite e ninguém podia saber por quanto tempo mais. Logo que encontrou o monte de ferramentas, o enterrador escolheu um martelo e um escopo e voltou à porta, passando por sobre os caixões. O ar começara a ficar excessivamente empestado, mas ele não atentou em semelhante detalhe, tão ocupado estava em atacar o pesado e corroído metal da fechadura. Teria certamente então dado tudo por uma lanterna acesa ou um simples toco de vela, mas, na falta de qualquer iluminação bastante, martelava, às cegas, da melhor maneira que podia.

Percebendo, porém, que o fecho resistiria inexoravelmente, pelo menos a tão frágeis instrumentos, naquelas tenebrosas condições, Birch olhou em torno, na esperança de achar outros possíveis meios de safamento. A catacumba se cavava na encosta de uma elevação, de modo que o ventilador atravessava vários pés de terra, eliminando assim qualquer visibilidade de evasão por aquele lado. A clarabóia losangular, tendida bem alto, sobre a porta, na fachada de tijolos, parecia-lhe mais suscetível de ser alargada, embora à custa de rudes esforços. Os olhos do homem nela se fixaram longamente, enquanto espremia o cérebro, em busca do meio de subir e alcançá-la. Não havia ali espécie alguma de escada e os nichos destinados a receber as urnas, situados nas paredes laterais e do fundo, não lhe dariam acesso, muito distantes, à parte superior da porta. Só restava, portanto, o uso dos próprios esquifes, à guisa de degraus. Fixando o pensamento nesse sentido, estudo o melhor meio de colocá-los. Calculou que a altura de três caixões superpostos lhe seria bastante para chegar à clarabóia, mas quatro lhe tornaria o trabalho ainda mais fácil. As urnas fúnebres era bem niveladas e podiam ser empilhadas solidamente. Sem mais demora, pôs-se a imaginar como deveria dispor os oito féretros para construir uma plataforma escalável, cujo piso superior se constituísse de quatro deles, verticalmente arrumados. Enquanto pensava, só lamentava não tê-los feito com absoluta solidez. Agora, se a sua imaginação chegou a desejar que os caixões estivessem vazios, é francamente duvidoso.

Finalmente, decidiu encostar uma base de três ataúdes à porta e colocar sobre esta duas camadas de dois féretros cada uma e, em cima de tudo, um único caixão, servindo de estrado. Tal disposição podia ser erguida com o mínimo de tropeços e lhe forneceria a altura desejada. Ainda melhor, assim só se utilizaria de dois caixões, na base, para suportar a superestrutura, deixando o terceiro, como um degrau disponível, para o caso de ser-lhe necessário maior altura. E o prisioneiro labutou, na penumbra espessa, erguendo os defuntos com nenhuma cerimônia, naquela muda de torre de babel. Vários féretros começaram a estalar no decurso da operação e Birch resolveu reservar o de Matthew Fenner, pela sólida construção, para encimar a pilha, de modo que, ao trabalhar na clarabóia, os seus pés encontrassem a superfície mais firme possível como apoio.

Por fim, a torre foi terminada e, com os braços doloridos, Birch fez uma pausa, durante a qual se sentou no primeiro degrau da estranha escada. A seguir, subiu cautelosamente, com as ferramentas, até a clarabóia, cujos bordos era m de tijolos e que, lhe parecia, não lhe seria difícil

dilatar do suficiente para escapular daquela fúnebre prisão. Ao ressoar das primeiras marteladas, o cavalo, lá fora, relinchou em tom que tanto podia ser de encorajamento como de mofa. Em ambas as hipóteses, a manifestação da alimária se tornava adequada, pois a imprevista tenacidade da camada de tijolos, de frágil aspecto à vista, simbolizava um verdadeiro comentário sardônico à falacidade das esperanças terrenas e exigia um trabalho merecedor dos mais acalorados incitamentos.

Caiu a noite, que encontrou o coveiro ainda mourejante. Agora, trabalhava exclusivamente pelo tato, pois grandes nuvens repentinamente aglomeradas eclipsaram a lua. Embora o progresso geral fosse medíocre, ele se sentia animado com a extensão das erosões produzidas no alto e no fundo da clarabóia. Estava firmemente convicto, enfim, de que conseguiria libertar-se por volta da meia-noite. Abstraído de reflexões opressivas sobre o tempo, o lugar e a companhia empilhada sob os seus pés, Birch ia filosoficamente lascando os pétreos tijolos. Praguejava, quando um estilhaço o atingia no rosto e ria-se quando outros se projetavam sobre o cada vez mais enlevado cavalo que pastejava, amarrado ao cipreste. De vez em quando, julgava a abertura tão adiantada que tentava por ela passar o corpo e, ao assim proceder, tanto se remexia que os esquifes embaixo, dançavam e estalavam. Esperava, entretanto, não ter de elevar mais a plataforma por meio de um quinto ataúde, pois o buraco se encontrava no nível exato de ser transposto logo que as dimensões permitissem a passagem.

Devia ser, pelo menos, meia-noite, quando Birch decidiu empreender a travessia da clarabóia. Cansado e suarento, a despeito das inúmeras pausas, desceu ao chão e sentou-se um momento sobre o esquife inferior, a fim de reunir as forças para o esforço final e o salto para o exterior. O cavalo, faminto, relinchava repetida e fracamente, enquanto o seu dono fazia votos para que ele parasse com aqueles lúgubres apelos. Birch sentia-se paradoxalmente pouco entusiasmado. No momento de realizar a ambiciosa libertação, assautou-o um como quase medo de iniciá-la, pois a coisa se revestia de intemerata rudeza dos heróicos tempos medievais. Ao galgar de novo os caixões, já rachados, ele percebeu, apreensivo, o próprio corpo mais pesado ainda, especialmente quando, depois de atingir a plataforma, ouviu um estalo forte de madeira que acabava de ceder. Fora-lhe inútil escolher o caixão mais sólido para encimar o macabro andaime. Tão pronto voltara a descansar sobre ele o peso do corpo, a tampa rompeu-se, fazendo-o baixar duas jardas sobre uma coisa mole, de que jamais imaginara, um dia, haver de sentir, sob os pés, a muralhante e gosmenta friagem. Estonteado pelo barulho ou pelo fétido que se desprendera, vigoroso, até o lado de fora, o cavalo emitiu um berro estridente, demasiado selvagem para chamar-se um relincho, e mergulhou na noite de piche, louco de pânico, seguido do estrépito infernal da carroça, arrastada aos trambolhões cegos.

Naquela angustiada situação, Birch se encontrava agora impotente para atravessar a clarabóia já alargada, mas resolveu reunir as energias para uma tentativa desesperada. Tendo conseguido agarrar-se à beira da abertura pela ponta dos dedos, dispunha-se a alcançar-se, pela força dos braços, quando notou uma estranha pressão como se alguém o puxasse para baixo, pelos calcanhares. Então, pela primeira vez, naquela noite, ele sentiu medo. Sim. Porque, embora se debatesse, esperneando furiosamente o mais possível, não conseguiu sacudir fora a misteriosa garra que lhe prendia os pés, em uma tração contínua. Dores horríveis, como de chagas cruéis, percorriam-lhe a barriga da perna e, em seus espírito, dançava, num vértice de horror supersticioso, a inequívoca realidade, a prova material; o lascar das tábuas, os pregos arrancados e todos os demais ruídos característicos da madeira que se parte. Não era, portanto, uma ilusão dos sentidos, um fenômeno alucinatório gerado pelas circunstâncias. Pô-se a lutar, dando de pernas, em contorções ainda mais frenéticas, até passar a um estado de semidesmaio, em que os seus desvairados movimentos continuaram, ao acaso, automáticos. De repente, sem saber como, viu-se livre, já com o corpo metido na clarabóia.

Somente o instinto o guiou, no trágico caminho sinuoso através da abertura e ao rastejar que seguiu o baque surdo da sua queda, no exterior, sobre o chão úmido. Birch não podia caminhar e a lua nascente deve ter testemunhado a horrível cena daquele homem delirante, arrastando os tornozelos em sangue, na direção do pequeno pavilhão do cemitério, os dedos espasmódicos enterrando-se na relva enegrecida, em pressa febril, o corpo, porém, respondendo com a clássica lentidão desesperante de que procura fugir dos fantasmas, nos pesadelos. Evidentemente, ali não havia perseguidor algum, pois que Birch estava só e acordado, quando Armington, o guarda da necrópole, atendeu a seu fraco batido à porta.

O guarda levou-o para uma cama de reserva e mandou o filho, Edwin, chamar o Dr. Davis. O pobre empreiteiro de enterros se achava em perfeito estado de conhecimento, mas nada dizia sobre o acontecimento, murmurando apenas raras palavras como: “Ai! Meus tornozelos! Largue-me!... Fechado na catacumba...”. Pouco depois, chegou o médico com a sua maleta de remédios, fez perguntas insistentes ao ferido e removeu-lhe as roupas de cima, os sapatos e as meias. As feridas (ambos os artelhos se apresentavam horrivelmente dilacerados sobre o tendão de Aquiles) intrigaram grandemente o velho doutor e, a seguir, quase o aterrorizaram. O interrogatório, com efeito, ultrapassou o terreno médico e as mãos do esculápio tremiam visivelmente ao contribuírem os retalhados membros de espessas ataduras, como se ele quisesse, sobretudo, ocultar aquelas chagas, o mais depressa possível.

Realmente, as perguntas angustiosas e solenes do Dr. Davis tornavam-se mais do que estranháveis, pois deixavam bem patente a intenção de arrancar do infeliz coveiro até o mais insignificante detalhe da sua pavorosa aventura, o que era inadmissível em médico. Davis mostrava-se singularmente ansioso por saber se Birch tinha a certeza absoluta de quem era o caixão que servia de plataforma, de como ele o identificara em plena escuridão e finalmente, por que maneira o distinguira da duplicata de qualidade inferior, mais tarde ocupada pelo corpo do mal-afamado Asaph Sawyer. Em suma, por que artes o sólido ataúde de Fenner cedera assim tão facilmente? O profissional, antigo médico da aldeia, assistira, naturalmente, aos funerais de ambos, como também os havia atendido nas suas derradeiras enfermidades. Até mesmo no enterro de Sawyer, muito se admirara de como se arranajara o vingativo fazendeiro defunto para acomodar os longos ossos em tão diminuto caixão, feito sob as medidas do pequeno Fenner.

Após duas longas horas, o Dr. Davis partiu, insistindo com o paciente para convencer-se de que as suas feridas só poderiam ter sido causadas por pregos de pontas soltas estilhaços agudos de madeira. Nada mais explicaria o acontecido, com lógica e verossimilhança, acrescentou. Sobretudo, recomendou-lhe ainda falar o menos possível sobre o caso e, em nenhuma hipótese, permitisse que ouro médico lhe tratasse aqueles ferimentos. Birch seguiu esses conselhos o resto da sua vida, até que um dia, me contou a sua história. Depois de examinar-lhe as cicatrizes já velhas e esbranquiçadas, achei que ele fizera muito bem em manter-se discreto. Do acidente, o pobre homem saiu aleijado, pois fora cortado o tendão principal, mas, para mim, a sua maior inelidez operou-se-lhe na própria alma. De temperamento outrora tão fleumático, o seu raciocínio guardou, depois do fato, transtornos imperecíveis e comovia observar-se-lhe as reações e certas alusões causais, como “sexta-feira, catacumba, caixão” e outras palavras menos diretamente significativas. O seu cavalo assustado, regressara a casa, nas a razão do pobre homem nunca mais retornou ao lugar devido. Ele trocou a profissão, mas, para sempre, algo lhe ficou, pensando-o. Talvez fosse apenas o medo, ou o medo envolto em espécie estranha de implacável remorso pelas más ações do seu passado. Ademais, a bebida só veio agravar o que ele tencionava aliviar com a embriaguez.

O Dr. Davis, ao deixá-lo, naquela noite, pegara uma lanterna e se dirigira à catacumba. A luz iluminava vagamente os destroços dos tijolos espalhados, a fachada esburacada e o velho cipreste, de cujo tronco ainda pendia o segmento do cabresto arrebatado pelo equino, em pânico. O trinco da pesada porta de ferro abriu-se à primeira pressão da maçaneta exterior. Endurecido pela antiga

prática das autópsias, o médico entrou e correu o olhar em torno, contendo a náusea física e moral que o mau cheiro e tudo mais ali provocavam. De repente, deixou escapar um grito e, logo depois, teve um extremeção que lhe pareceu mais terrível do que um berro de dor. E correu desabaladamente para o pavilhão do cemitério, onde, contra todas as regras da compostura, agarrou o doente pelas roupas, levantando-o, com força, atirou-lhe uma série de cochichos frenéticos que entraram pelos ouvidos do ferido, fervilhantes como vitríolo.

— O caixão era de Asaph, Birch — sibilou-lhe o doutor, justamente como eu pensava. — Reconheci-lhe o cadáver pela dentadura a que faltavam incisivos superiores. Pelo amor de Deus, jamais mostre os seus ferimentos a quem for! O corpo estava completamente putrefeito, mas, ainda assim, nunca vi expressão tão nítida de vingança satisfeita como a das suas feições já enegrecidas. Nunca, juro-o, em toda a minha vida! Bem sabe o demônio tenaz que era lê para vingar-se. Ainda deve estar lembrado de como arruinou o velho Raymond, trinta anos depois da demanda de terras entre ambos e como matou, a pisadas, o cãozinho inofensivo que o perseguira, latindo, fez um ano em agosto... Era o diabo em figura de gente e penso que a sua teoria de olho por olho e dente por dente tinha tanta ferocidade que resistiu à própria morte. O seu ódio... meu Deus!... eu não o quisera, jamais, sobre mim!

Então, por que você o foi provocar, Birch? Por ter sido um sujeito miserável, não te censuro ter-lhe dado um caixão refugado. Mas sempre exageras as coisas! Há limites que se devem respeitar, a todo preço, e conhecias muito bem o tamanho do velhinho Fenner!

Nunca mais se me apagará da memória, enquanto vivo for, o quadro que então presenciei. O caixão de Asaph estava por terra, atirado longe. A sua cabeça esfacelada e tudo mais, dentro, resolvido. Já muita coisa neste mundo, mas uma, doravante, ficará insuperável! Olho por olho! Francamente, Birch teve o que merecia. O crânio esmigalhado de Asaph embrulhou-me o estômago, mas a outra extremidade do corpo fez-me pior. Aqueles tornozelos cortados rentes para que o defunto coubesse no caixão feito para Matt Fenner!